

SINGELA HOMENAGEM A JUAN CARLOS MECHOSO E AO LEGADO CONJUNTO DE SUA GERAÇÃO

Bruno Lima Rocha

APRESENTAÇÃO

Este texto é uma singela homenagem de reconhecimento ao companheiro Juan Carlos Mechoso e através dele, a toda essa geração maravilhosa que tanto aportou e segue contribuindo para o anarquismo. O artigo se divide em duas partes. A primeira reconhece os méritos organizativos do conjunto da FAU/ROE/OPR. A segunda trata da relação direta da Federação Anarquista Uruguaia (FAU) com o anarquismo brasileiro.

ROGELIO E ALEJANDRA

Juan Carlos Mechoso adotou, quando estava na clandestinidade, o codinome de guerra de Rogelio. Ficou cinco anos nessa condição, lutando pela revolução social uruguaia e evitando a captura por parte das Forças Conjuntas (FF.CC.). As “conjuntas” inauguraram, na República Oriental do Uruguai, a ação de “grupos de tarefas”, a semelhança da Coordenação Federal (“los coordinas”) argentina, ponta de lança da repressão política no vizinho país antes do golpe derradeiro de 24 de março de 1976.

O golpe uruguaio, em 27 de junho de 1973, é o ponto culminante da repressão interna iniciada no “Pachecato”, na era da democradura – uma democracia formal basicamente sob Medidas Imediatas de Segurança [“Medidas Prontas de Seguridad”]. A Federação Anarquista Uruguaia (FAU) é colocada na ilegalidade em dezembro de 1967, dias após a posse do colorado Pacheco Areco. O oligarca é substituído por outro, em eleições fraudadas de 1971, tomando posse o igualmente colorado Juan María Bordaberry. Daí veio o autogolpe com apoio da Junta do Alto Comando e, na sequência, o governo do Partido Militar.

Antes da crise política uruguaia do pachecato, o início da década de 1950 encontra o país em franca decadência do modelo agroexportador, e ainda com forte indústria nacional. A partir dos anos 30 do século XX, os países do Cone Sul produziam, em média, cerca de 80% dos produtos industrializados que consumiam. A indústria substitui as importações, aumentando a relevância e a institucionalização dos

direitos trabalhistas e sociais. Juan Carlos Mechoso não apenas viu todo esse processo, como participou dele, de dentro, lutando e organizando.

Sem dúvida, nas três fases militantes dele – Juan Carlos, Rogelio e El Viejo –, suas contribuições foram imprescindíveis para o projeto especificista como um todo, e em especial, para o seu querido povo uruguaio.

A contribuição mais importante do companheiro Mechoso

Dos vários aportes do companheiro Juan Carlos Mechoso, a mais relevante é o método organizativo do anarquismo, a referência para a América Latina e o mundo, a Federação Anarquista Uruguaia. O desenvolvimento se deu de forma bastante acelerado antes de completar uma década de existência, iniciando com a Comissão Pró Federação Libertária Uruguaia (CP-FLU), em 1954, e, dois anos depois, em 1956, vindo a constituir a organização como a compreendemos.

A geração de fundadores e a parcela majoritária que ficou com a linha classista e latino-americana, quando da fratura entre 1962 e 1964, combinou as melhores tradições e práticas anarquistas e as modelou dentro de uma estrutura permanente e com democracia interna. O federalismo, no ápice da funcionalidade e mesmo sob os mais rigorosos critérios de segurança pelo risco da repressão – e no caso, risco de morte – foi a criação que esses e essas companheiras construíram.

Aplicando com maestria o conceito dos círculos concêntricos, tão presentes na ideologia como o próprio anarquismo, a FAU com Mechoso no secretariado (daí o codinome Alejandra para a Federação), operava uma organização política de quadros polifuncionais, dois níveis de tendência – uma político-social, a ROE – e outra mais ampla, a aliança de base da Tendência Combativa, e assim atingia uma importante parcela do mundo sindical e socialmente organizado do Uruguai. Ao mesmo tempo, para enfrentar os esquadrões da morte e as forças da guerra suja interna, a FAU tinha um aparelho de autodefesa, a Organização Popular Revolucionária 33 Orientais (OPR-33), com quatro colunas operacionais e mais uma de apoio técnico.

A presença desses homens e mulheres de extração operária garantia a estabilidade na interna, sem arroubos de extravagância ou delírios em torno de abstrações para além dos conceitos-chave. A luta política era dada através do aparelho político e a influência direta das *Cartas de FAU*. A luta sindical e popular estava assegurada com a prática da solidariedade de base e no valor da ação direta popular. A estrutura de recursos especiais e na primeira linha de combate popular, era garantida

pela “pata manca”, aquela que pouco aparecia, mas muito fazia. E, para assegurar a democracia interna e o contato com a sociedade concreta, cerca de 70% do peso organizativo era de base na classe trabalhadora, estudantes de escolas públicas e bairros operários. O “desvio militarista” se combatia dessa forma. O “desvio sindicalista” se combatia através do equilíbrio político interno. A burocracia não existia, uma vez que toda a militância que não estava clandestina tinha de trabalhar. Em plena atividade política clandestina, e com avanço da luta popular e massiva, era possível fazer a consulta interna, manter as reuniões das agrupações (específicas ou mistas) e mesmo as colunas da guerrilha libertária tinham assegurados seus plenos direitos políticos.

Mais do que a “genialidade” de alguns militantes, tamanho esforço organizativo também foi fruto de intenso debate teórico e, principalmente, de teoria da organização política e leitura apurada da sociedade uruguaia e da geopolítica do Cone Sul. Na capacidade de projetar a ação política dentro de um marco estratégico passível de previsão, surge a aplicação do conceito de Estratégia Geral no Sentido Estrito (que em português vai circular mais com o termo-conceito de Tempo Restrito). Assim, a luta popular e sindical, no caso de uma insurreição em Montevideu, ou a própria vitória de uma candidatura burguesa nacionalista ou reformista, seria seguida da invasão brasileira – antevendo a Operação 30 horas, que por pouco não se realiza. A FAU escreveu e praticou o que fez cumprindo passo a passo o que consta no histórico documento *Copei* (uma crítica ao foquismo e ao desvio militarista).

O nome é fruto de outra sabedoria no aprendizado, de driblar a repressão, ao colocar o nome de um dos partidos oligárquicos da Venezuela. A mesma vivacidade ao denominar Alejandra a organização, assim como os vários nomes de guerra da militância perseguida. Operar em vários níveis: o político, o sindical, o estudantil, o territorial, na autodefesa e na luta ideológica de longo prazo. Participar da montagem dessa complexa estrutura política é uma das obras coletivas com a enorme contribuição de Juan Carlos Mechoso.

JUAN CARLOS MECHOSO: REFLETINDO SOBRE SEU LEGADO PARA O ESPECIFISMO BRASILEIRO E LATINO-AMERICANO

É muito difícil escrever sobre o companheiro Juan Carlos Mechoso (Flores, 24/03/1935 – Montevideu, 11/10/2022) sem cair na redundância ou na narrativa histórica. A relevância de El Viejo para o período posterior à ditadura milita uruguaia (1973-1985) é tão grande quanto a do companheiro Rogelio (seu nome de guerra na

dura lida da clandestinidade) assim como era a de Carlos (seu segundo nome), trabalhador, militante e boa praça em todos os momentos.

Evidente que a convivência das gerações posteriores ao ciclo das ditaduras latino-americanas, em especial no Cone Sul, foi maior com El Viejo. E sobre esse legado dedicamos parte das modestas linhas e palavras que seguem.

Quando o anarquismo brasileiro conheceu a Federação Anarquista Uruguaia (FAU), por dentro já havíamos tido ao menos três experiências frustradas. Entre 1989 e 1991, por três ocasiões, militantes anarquistas tinham chegado ao Uruguai, conhecido um pouco da experiência da mais importante organização de nossa ideologia na América Latina, mas por motivos diversos, não fizeram a transferência e nem estabeleceram um método de trabalho com a Secretaria de Relações da FAU.

Quando finalmente um conjunto de militantes com alguma experiência e em busca de um referencial anarquista organizado politicamente, inserido socialmente e baseado na América Latina conhece a FAU, o passo seguinte foi a consequência direta dessa busca. Juan Carlos atuou como secretário de relações durante a maior parte da década de 1990, e recebeu a militância anarquista brasileira desde dezembro de 1994. Com recursos modestos e trabalhando em uma pequena peça nos fundos de casa, fez inúmeras reuniões com brasileiros, pensou em formas de desenvolvimento regional e nacional do especificismo e fez parte de cada etapa da Construção Anarquista Brasileira, ou do Processo para chegar nesta etapa.

As tarefas implicavam receber delegados do Brasil, difundir a história da FAU em centenas – centenas! – de cartas escritas a mão (a quatro mãos) e seguir explicando os fundamentos da organização política anarquista. A fundação da primeira federação especificista nacional, a Federação Anarquista Gaúcha (em novembro de 1995), implicou quase um ano de trabalho ininterrupto, e contou com a participação permanente de Juan Carlos.

No primeiro semestre de 1996, já com algumas estaduais fundadas (à época, RJ, DF e PA), o volume de correspondência era impossível de dar conta e o acúmulo desses debates foi a base para redigir nosso documento fundante da corrente no Brasil. *Luta & Organização* (maio de 1996), foi escrito a quatro mãos, com a leitura, releitura e observações críticas do El Viejo. Como exemplo tem de ser dado, no final de junho daquele ano, logo após o 1º Congresso da FAG, Juan Carlos e Marina, sua companheira, vão ao Rio Grande do Sul, iniciando com aquela viagem primeira de dezenas de outras, até a última, em novembro de 2015, nos vinte anos da Federação riograndense.

Damos o exemplo com algumas de suas vindas ao Brasil para apresentar o legado permanente. O especificismo brasileiro não foi obra do acaso, custou esforço, recursos sempre escassos, planejamento, e um sem fim de gestos solidários. Iniciamos a escrita deste texto em outubro de 2022, portanto, de forma ininterrupta, há mais de 27 anos os lares de companheiras e companheiros uruguaios recebem a militância brasileira. Além de gentileza e receptividade, essa decisão – de socializar e expandir a experiência junto da FAU – foi fruto da Secretaria de Relações com Mechoso à frente e respaldada no Secretariado da federação co-irmã. Ou seja, é uma decisão política e consequente.

A base conceitual é evidente. Juan Carlos entendia que o desenvolvimento da FAU, no Uruguai, um país pequeno e “achatado” entre o Sul do Brasil e a Argentina, evidentemente limitou a influência dessa organização no anarquismo latino-americano e mundial. Pela lógica, se o especificismo se desenvolvesse no Brasil, a capacidade de reprodução seria muito grande, ampliando a presença do anarquismo junto às lutas concretas, dramas e virtudes do povo em marcha.

Outro conceito chave é o da experiência. Somar a capacitação teórica com a vivência, junto a companheiros/as do Uruguai e compartilhando o cotidiano. Assim, se superava o equivocado conceito de “grupo de afinidade”, criando as afinidades políticas por cima das pessoalidades. A formação dos “núcleos duros” era a etapa anterior e mandatória, antes de constituir uma “legalidade revolucionária”, quando quem entrasse na organização saberia com nitidez um conjunto de direitos e deveres. Igual ênfase nos círculos concêntricos, mais relacionados com os níveis de compromisso do que necessariamente um “rito de passagem”. A simplicidade anda ao lado da capacidade militante e, mesmo em situações adversas, o cotidiano tende a se reproduzir. Com cinco anos de clandestinidade e doze como preso político, Juan Carlos sabia com exatidão o que dizia.

A soma de domínio teórico, convivência militante e organicidade tinha de vir junto da compreensão real – e não imaginária, dedutiva e normativa doutrinária – do mundo da vida. O concreto vivido, e a formação sócio-histórica necessária para conhecer o drama das majorias, estar junto, sem determinismos absurdos ou idealizações da “classe operária”. Outra necessidade é o conhecimento do terreno, da mentalidade média do povo oprimido, das frações de classe e das categorias onde a organização tiver inserção direta. Além disso, a capacidade de multiplicação das relações sociais através das frentes específicas, sempre citando o exemplo do seu

melhor amigo e mártir do povo, Gerardo Gatti. De estudante de arquitetura até chegar à liderança do grêmio dos gráficos do país e uma liderança nacional na CNT – a Convenção Nacional dos Trabalhadores.

Juan Carlos com 60 anos de idade embalou no entusiasmo militante para estudar o país tão grande ao norte da Banda Oriental, sempre observando a dimensão nacional do projeto, ultrapassando as divisas estaduais que fazem fronteira com o Uruguai. E como se fosse pouco, não era “apenas” o Brasil. Nas relações da FAU, lia atentamente todos os materiais que chegavam, mesmo sem falar ou ler em português e em inglês, e fazia o possível para buscar traduzir e ampliar a interpretação da luta dos povos em geral, e com especial carinho para toda América Latina.

Onde foi possível fazer chegar a presença do especificismo, lá estava uma linha política que vinha da “peça dos fundos” da calle Turquía. Argentina, Chile, Peru, Bolívia, El Salvador, Venezuela, Equador, México, Colômbia e mais da metade dos estados brasileiros, relações fluidas com as versões europeias e anglossaxônicas do especificismo (plataformismo, anarcocomunismo) e com o vivo sindicalismo de resistência ainda em ação.

Mechoso ajudou a planejar, ouviu mais do que falou, recebeu dezenas de militantes, possibilitou a transferência da história e da formação conceitual, em incontáveis *charlas*, privadas, discretas, na sua casa no bairro do Cerro de Montevideú, entre almoços em família e proximidade. Nunca viveu de glórias passadas e sempre pensava no tempo presente e na projeção de forças ao futuro tangível, próximo. Lutando contra o vendaval do neoliberalismo e da desesperança pós Guerra Fria, ajudou a promover o anarquismo atualizado, debatendo teoria, ajudando em tarefas concretas, fazendo um permanente e solidário treinamento político.

Juan Carlos Mechoso, El Viejo, está para o especificismo latino-americano na mesma estatura da FAU. Foi uma aprovação de congresso, mas seu esforço e perspicácia contribuíram determinantemente para que se visse e semeasse a linha da organização específica em vários rincões da América Latina. Sua relação com o anarquismo brasileiro é visceral. É um antes e um depois das políticas na Secretaria de Relações da FAU e as conexões com o Brasil.

COMENTÁRIO FINAL

Esse singelo texto inicial vai para toda a militância veterana da FAU/OPR/ROE que acompanhou e ajudou o anarquismo brasileiro a partir de dezembro de 1994, de

forma direta ou indireta. Um abraço especial e solidário para Juan Carlos Mechoso, el Vasco Larrasq, Zelmar Dutra, el Santa Romero y el Petizo. Aqueles e aquelas hoje na eternidade, sempre vão avançar “por el socialismo y la libertad, arriba los que siempre han luchado”.

Dezembro de 2022